

# A psicanalista Curiosa e os 7 padrões<sup>1</sup>

*The Curious Psychoanalyst and the 7 Patterns*

Cristina Nunes

## Resumo

Partindo da sua experiência clínica, que se foi cruzando ao longo do tempo com a literatura e pensamentos seus nas temáticas associadas, a oradora pretende partilhar e discutir alguns pontos de vista nascidos e criados no campo terapêutico, particularmente no que se refere à repetição de alguns padrões em pacientes ligados às artes e à cultura. Estes padrões repetitivos relacionam-se com a elevada frequência com que estes pacientes não reconhecem os seus progenitores como figuras de autoridade moral e ética, assim como com a tendência para não recorrerem ao mecanismo de defesa recalçamento para lidar com os seus conflitos internos e ainda com a recorrência de fenómenos vivenciados como traumáticos ao longo do desenvolvimento. O fenómeno traumático associa-se assim empírica e inevitavelmente à abordagem deste tema, pelo que é incontornável a reflexão sobre a sua relação com o processo criativo, enquanto escapatória e transformação do terror internalizado, assim como as interligações com o recurso aos mecanismos de defesa. Revisitando Freud, Kohut e Blatt, a autora procura compreender esse processo de transformação interna através do modelo tectónico da mente e da analogia entre o Self e a Terra. Novos olhares sobre o tema, propõem ainda considerar três tipos de sublimação – introjectiva, anaclítica e mista – bem como uma predisposição genética para a expressão artística, vista como uma das etapas finais da cadeia simbólica.

**Palavras-chave:** Expressão criativa, Trauma, Sublimações e Mecanismos de Defesa.

Era uma vez uma psicanalista que, quis o destino, teve o privilégio de trabalhar com artistas, cientistas e outras pessoas criativas. Nesta população especial encontrou “histórias e estilos de vida” que repetiam certos padrões, que a intrigaram. Muitas das pessoas que a procuravam tinham ligação às artes.

Essa experiência acumulada fê-la encontrar, ao longo do tempo, sete padrões, que teimavam em evidenciar-se nas histórias e estilos de vida:

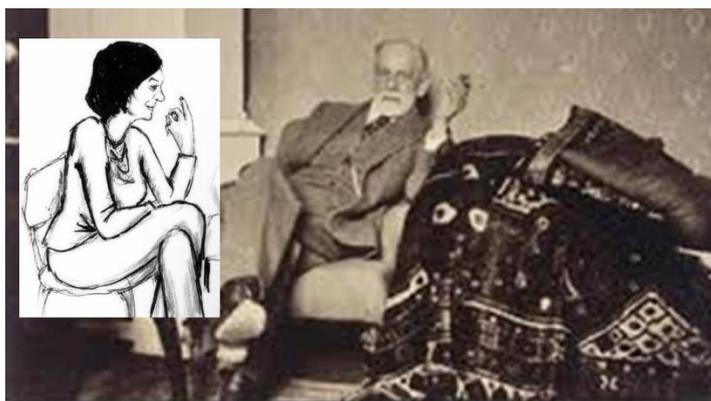
- Muito frequentemente, aquelas pessoas não reconheciam os seus pais como modelos de autoridade ético/moral credíveis;



1. Mantiveram-se as características do português de Portugal. No entanto, alterou-se a formatação para atender as normas da revista e da ABNT; além disso, foi feita a atualização ortográfica conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

- Este padrão relacional começava, em geral, tão precocemente quanto se lembravam;
- Em geral, não recorriam ao mecanismo de defesa recalçamento;
- Tendiam a ser centrados em si próprios e a estabelecer relacionamentos afetivos superficiais e flutuantes, excepto para muito raros objectos de investimento;
- Esses investimentos eram geralmente objectos a que se ligavam massiva e permanentemente, por exemplo, um grande *club de football* ou uma banda musical;
- Quase todos apresentavam perturbações explícitas no nível do funcionamento sexual;
- Quase todos relatavam experiências traumáticas na sua infância.

Um dia, enquanto se interrogava sobre o significado dos escritos que um dos seus pacientes mais antigos e de difícil acesso trazia para as sessões, sentiu-se girar sobre si própria como um pião. Quando deixou de girar, estava frente a uma poltrona com um homem de barbas e cabelos grisalhos, entre um divã e uma lareira, a fumar charuto. Pareceu-lhe vagamente familiar, mas, confusa, não o reconheceu.



– Vem à procura de compreender a relação entre certos padrões comuns aos artistas e a sua ligação ao desenvolvimento psicológico, ao narcisismo e ao fenómeno traumático?

– Uhm, bem, sim, mais ou menos!

Inacreditável! Estava perante o mestre Freud e só balbuciava!

Ele continuou:

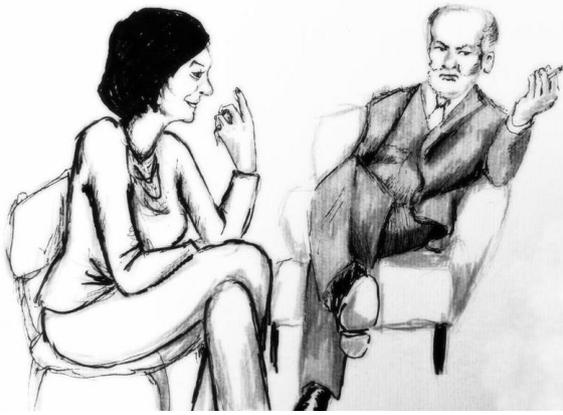
– Bem, como sabe, eu considero que que o desenvolvimento se dá através de etapas psicosexuais (FREUD, [1905] 1960). Acontecimentos disruptivos ao longo do desenvolvimento podem determinar a fixação da libido numa dessas fases (FREUD, [1923] 1960). Nas pessoas criativas que não respeitam nenhum dos pais como modelo de autoridade ética, teria sido hipotecada a resolução da triangulação edipiana, vendo-se a criança obrigada a criar sozinha o ideal do eu. Isso explicaria as características narcísicas e as dificuldades relacionais da sua amostra, bem como os sobreinvestimentos substitutivos, não lhe parece?



– Sim, sim, faz todo o sentido. Mas como relaciona tudo isso com o fenómeno traumático e tentativas de escapar aos seus efeitos nocivos?

– A propósito do fenómeno traumático penso que, quando a excitação é excessiva, pode levar a uma espécie de desligamento preventivo. Este corte da cadeia associativa impede a representação accionando medidas defensivas para religar o sistema.

– É como quando dispara o quadro eléctrico, por haver uma sobrecarga que ameaça o normal funcionamento, e, ao religar, não se ligasse o fusível associado ao perigo, e se voltasse a iluminar e abordar o fenómeno no modo de desenvolvimento anterior?



– Boa imagem! Sim, é isso. Os efeitos dessa regressão impediriam a consolidação desse último movimento associativo de crescimento, retomando o funcionamento e o recurso dos mecanismos defensivos próprios da fase anterior.

– Faz sentido; no entanto o artista funcionaria com uma maior plasticidade que lhe permitiria ligar porções do seu mundo interno através de processos vinculativos animados por Eros!

– Um! Um! Penso que os efeitos do fenómeno traumático, poderão determinar opções defensivas mais ou menos maduras. A forma mais elevada de operar esse religamento ou satisfação sexual substitutiva é a *sublimação*. Desde 1913 em *Totem e tabu* (FREUD, [1913] 1996) que considero que a sublimação não obriga mais ao recalçamento, mas considero-a antes directamente ligada à pulsão e ao self idealizado através do ideal do eu (FREUD, [1914] 1996), não implicando já a dessexualização da pulsão, mas antes a criação de um novo objecto de investimento dessexualizado (FREUD, [1915] 1996). Bom, agora, vai-me desculpar, mas tenho de regressar ao trabalho. Volte sempre que queira!

– Oh, muito obrigada. Foi muito útil.

Depois de se despedir, atónita, a psicanalista seguiu, devagar, o único caminho possível, ao longo de um corredor. Enquanto se dirigia para a saída do edifício, sem saber como, deu consigo a pensar no conceito de optimal frustration de Kohut, como frontei-

ra associada ao trauma.

Nem de propósito, a entrar no edifício, viu-a Heinz Kohut, que sorrindo diz:



– Posso dar-lhe umas dicas sobre o assunto.

– Ótimo. Agradeço sinceramente.

– Esse conceito refere-se às falhas ocasionais dos pais nas funções empáticas de amar e admirar. São decepções ou frustrações toleráveis que permitirão desenvolver estruturas internas facilitadoras de transição progressiva do sentimento do *self* grandioso para o de auto-estima e confiança (KOHUT, 1984).

Considero que desde o princípio de vida os seres humanos precisam de afecto, empatia e comunicação. Se ambos os progenitores falham nessas funções reguladoras, provocando disrupções acima do nível de tolerância da optimal frustration, comparáveis ao conceito freudiano de trauma, a criança será obrigada a recorrer a estruturas defensivas compensatórias inadaptadas (KOHUT, 1977).

– Essa parte interessa-me, pois relaciona-se com a questão do não reconhecimento dos progenitores como figuras de autoridade ética/moral e o fraco investimento afectivo. Podemos considerar que a função dos *self* objects primários falhou, obrigando o sujeito a criar por si só objectos substitutivos, provavelmente intoxicados por um *self* grandioso arcaico?

– Exacto. Quando o incidente disruptivo se dá num período pré-edipiano inicial, haverá uma disrupção severa na capacidade da mente se expandir e restaurar o narcisismo; se for no período pré-edipiano tardio haverá uma tendência sexualizante que sur-

girá como mecanismo de compensação para as necessidades narcísicas insatisfeitas, e se ocorrer no período edipiano haverá lugar a estratégias de procura constante de aprovação e admiração dos outros, assim como de objectos a idealizar (KOHUT, 1985). Mas agora, desculpe, mas vou ter de me ausentar. Estarei por aqui quando me quiser encontrar.

– Até breve, então.

Saiu do edifício para uma grande praça iluminada por um sol radiante que a cegou momentaneamente. De tal modo que, quando se dirigia para uma sombra a fim de decidir o caminho a tomar, tropeçou em alguém, desequilibrando-se e quase caindo. O desconhecido amparou-a e comentou:

– Este sol cega-nos completamente. Sidney Blatt. Muito prazer. Tenho-a visto a investigar a relação entre certos padrões que encontrou nos seus artistas e a sua ligação ao desenvolvimento psicológico, ao narcisismo e ao fenómeno traumático. Se tiver uns minutos...

– Peço desculpa, mas não via mesmo nada à frente. Muito prazer! E então, o que me diz?



– Na minha perspectiva o desenvolvimento da personalidade implica uma interacção entre dois eixos ou processos fundamentais, ou entre as tarefas que delimitam essas linhas: o estabelecimento de relações interpessoais cada vez mais maduras, estáveis e duradouras (eixo do relacionamento ou anaclítico) e o estabelecimento de uma identidade ou de um sentido do self como consolidado, diferenciado e integrado (eixo de auto-definição ou introjectivo), que, no final do desenvol-

vimento, se integram num sentido de *self* na relação (BLATT; SHICHMAN, 1983; BLATT, 1990).

A configuração anaclítica é sobretudo orientada para o objecto, focando-se preferencialmente em afectos, procurando confiança e bem-estar nas relações, recorrendo sobretudo a mecanismos defensivos de tipo evitante (recalcamento e negação).

Ao contrário, a configuração introjectiva enfatiza a análise, valorizando a lógica, a assertividade e o prestígio, pelo desejo básico de ser reconhecido e admirado, usando preferencialmente mecanismos de defesa de tipo neutralizante (projectão, intelectualização, formação reactiva, sobrevalorização ou isolamento do afecto) (BLATT; SHICHMAN, 1983; BLATT, 1990, 1995).

Experiências traumáticas acumuladas, como perturbações das relações da criança com as figuras significativas, em associação com predisposições biológicas, poderão levar o individuo a desenvolver sintomas psicopatológicos, que considero manobras ou tentativas compensatórias e distorções do desenvolvimento normal. Essas formas psicopatológicas podem representar um recurso excessivo às tarefas de uma linha e o evitamento defensivo das tarefas da outra, de acordo com o tipo de experiência disruptiva, e podem ocorrer em vários níveis de desenvolvimento (BLATT; SHICHMAN, 1983; BLATT, 1990, 1991, 1995).

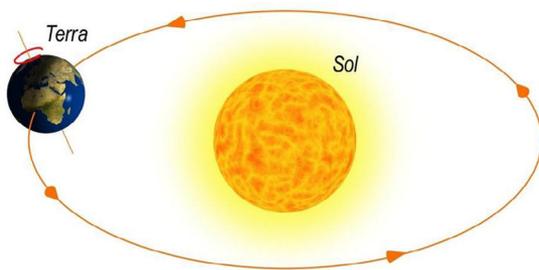
A minha experiência diz-me que, embora se encontrem com frequência pacientes com características em ambas as configurações, os quadros psicopatológicos organizam-se sobretudo à volta de uma dessas duas configurações, ao longo do espectro contínuo que vai da saúde à psicopatologia, sendo possível o sujeito fazer uma síntese integrativa de mecanismos defensivos mais ou menos evoluídos das duas configurações. Nesse sentido, a sublimação, como exemplo da integração dos dois eixos, pode ser considerada como produzindo uma resposta socialmente ajustada.

tada (dimensão anaclítica) e satisfatória para o próprio (dimensão introjectiva) (BLATT, 2008).

As últimas palavras já mal as ouvira, como se se distanciasse, sugada por um qualquer buraco negro do espaço. Anoitecera repentinamente cobrindo-lhe a visão para dentro e para fora de si.



Sentiu-se num gigante tubo de aspirador até ser despejada entre as estrelas. Leve e sem tónus, como o gigante balão de Alice que vira recentemente na feira. Estava no espaço celestial. Assim o confirmavam os planetas à volta do rei Sol, entre os quais a Terra.



Girando à volta do Sol e à volta de si própria, transformando-se lenta e harmoniosamente através dos seus movimentos complementares, a Terra desvelou-lhe uma parte do que procurava imaginar.

No movimento de rotação, linha da autodefinição ou da separação, o sujeito gira à volta de si próprio, constituindo o lugar onde olha para dentro de si (dimensão introjectiva da personalidade) e onde se desenvolve ou adoce o seu narcisismo, consoante a experiência relacional da translacção.

No movimento de translacção, linha do relacionamento ou da vinculação, o eixo é desenvolvido à volta do Sol, matriz relacional, intensidade do afecto, através de um objecto único (Sol) numa fase inicial de desenvolvimento, que progressivamente dará lugar a uma cada vez mais complexa multiplicidade de relações.

A nossa amiga Curiosa, entusiasmada com a feliz visão espacial, não parava de conjecturar. O fenómeno traumático também se podia olhar do espaço.

Os fenómenos traumáticos, tais como as perturbações disruptivas das relações da criança com as figuras significativas, teriam um impacto semelhante ao de um meteoro contra a crosta.



Como o fenómeno traumático não pode ser mentalmente representado, as áreas abrangidas teriam de permanecer soterradas no inconsciente, como rochas coesas, que assim se manteriam até que pudessem ser progressivamente transformadas pela influência de Eros, recorrendo preferencialmente a mecanismos defensivos desconectados da representação do fenómeno.

A este propósito, recordou alguns estudos que tentaram relacionar estilos de defesa e criatividade. Pareceu-lhe relevante a confirmação de que os mais criativos não recorriam ao recalamento mas complementarmente, a uma ampla gama de outros mecanismos de todos os níveis de funcionamento, desde os mais primitivos aos mais maduros, principalmente a sublimação (CRAMER, 1987, CULBERTSON, 1995, DOMINO; AL, 2002, ELA;

SLADE, 2005, GOERTZEL; GOERTZEL, 1962, MIOTTO, 2005, OGAWA; AL, 1997, VAILLANT, 1971; 1986; 1993, WALLER; AL, 1996, WEINE, 1996, THOMSON; AL 2009).

Articulando a diversidade das defesas, frequentemente usadas, com exceção do recalçamento, com a falência parental que obriga à criação do seu próprio ideal do eu, hipotecando a interiorização da interdição, Curiosa considera que poderão resultar dificuldades de regulação da libido, que poderiam justificar as queixas de ordem sexual dos seus “artistas”. Não deixou de o relacionar com o nível de funcionamento borderline, associado ao período pré-edipiano tardio e à tendência sexualizante, a que KOHUT se referiria.

Por outro lado, a ideia de Blatt (2008) de que o recurso ao mecanismo de defesa sublimação poderia resultar numa resposta mais ou menos integrada de autossatisfação (dimensão introjetiva) e aceitação social (dimensão anaclítico), fê-la pensar que quando o acto criativo tendesse mais para o polo introjectivo, seria um movimento de satisfação da pulsão deslocada (não dessexualizado) ao serviço do ideal do eu, e, quando tendesse para o polo anaclítico, corresponderia a uma manobra de sedução para conquistar a aprovação social (com dessexualização da pulsão, segundo pensava).

Por esse motivo, a psicanalista Curiosa concluía que provavelmente não se poderia falar de um só tipo de sublimação, mas de três, a sublimação de tipo introjectivo, a de tipo anaclítico e a de tipo misto, consoante a predominância da linha de autodefinição, da de relacionamento ou da mistura das duas linhas de desenvolvimento.

Curiosa acreditava que as pessoas criativas possuíam, originalmente, uma necessidade primária de se expressarem, mais associada à sublimação introjectiva.

Continua pensando que a expressão artística poderia ser uma espécie de ligação criativa, não associada ainda ao pensamento reflexivo.

Teria lugar no nível imediatamente inferior ao pensamento reflexivo, sendo um tipo de vínculo que ligaria diferentes materiais inconscientes num produto artístico final, sem se transformar num pensamento. Este processo associativo da cadeia simbólica seria mais consciente do que um sonho, mas ainda não pensável.

Na sua opinião, parecia haver uma predisposição criativa inata. Dependendo do código genético, estaria mais presente numa pessoa do que noutras, associada a maior dinâmica da expressão de Eros, podendo ser mais ou menos desenvolvida consoante as oportunidades oferecidas pela vida.

Imagina que, quando o corpo e/ou a mente são expostos a condições desfavoráveis, esta predisposição seria hiperestimulada e desenvolver-se-ia em compensação ao fenómeno traumático. Desta forma, poder-se-ia ver o evento traumático como um dos fenómenos que poderiam intensificar a predisposição artística inicial do sujeito.

Curiosa estava mesmo contente com estes pensamentos. Percebia assim que os caminhos com origem no fenómeno traumático podiam ter vários destinos, alcançados por meios e acessos muito díspares. O destino patológico, marcado por tentativas de restaurar o equilíbrio e a ordem interna impedindo a livre expressão de desejos perigosos, por caminhos conhecidos e seguros, ou os destinos criativos, marcados pela liberdade de escolha, do percurso a fazer, ao acaso, por trilhos, desvios e escapatórias de emergência, sempre em transformação. Imaginava que esta perspectiva podia enriquecer amplamente as abordagens psicoterapêuticas e a sua eficácia. Esta caminhada tinha-lhe mostrado ainda que, como há muito intuía, existe complementaridade entre a perspectiva pulsional e a perspectiva objectal acrescentando sentido à rede sempre em expansão do pensamento psicanalítico.

Enquanto pensava tudo isto, sentiu descair pesadamente a sua mão direita, donde saltou um papel, mal dobrado, que caiu ao

chão. Reconheceu-o quando o apanhou e desdobrou; era um daqueles escritos, que o seu paciente, de longa data, lhe começara a trazer, há algum tempo, para lhe falar do afecto que não conseguia verbalizar. Não resistiu a lê-lo, mais uma vez.



Quanto tempo consegues aguentar uma mentira  
 Sem deixar que ela te fira  
 Quanto tempo consegues ficar aprisionado pelo medo  
 Sem seres apontado a dedo  
 Quanto tempo consegues ficar em silêncio  
 Sem te sentires sufocado  
 E pareceres mal educado  
 Quanto tempo consegues ficar sozinho  
 Sem te sentires pequenino  
 Quanto tempo consegues viver sem amor  
 Sem sentir a grande dor  
 Quanto tempo consegues olhar para ti  
 Sem ver o que vai por dentro  
 Mesmo que isso pertença a outro tempo  
 Quanto tempo consegues enganar a alma  
 E trair o coração  
 Que conheces como a palma da mão  
 Sê livre e verdadeiro  
 É a única maneira de seres inteiro!

### **Abstract**

*Building on clinical experience crossed with literature and thoughts on the associated theme, the speaker wishes to share and discuss some viewpoints raised and created on the therapeutic field, namely on the repetition of some patterns on patients connected to art and culture. These repetitive patterns are related to the high frequency with which these patients do not recognize their parents as figures of moral and ethical authority, to a tendency not to use the defense mechanism of repression to deal with their internal conflicts, and to the recurrence of phenomena experienced as traumatic throughout their development. The traumatic phenomena is thus inevitably and empirically associated to the approach to this theme, and consequently the reflection on its relation with the creative process as an escape and transformation of the internalized terror, and on the interconnections with the resource to the defense mechanisms is unavoidable. By revisiting Freud, Kohut and Blatt the author seeks to understand this process of internal transformation by using the tectonic model of the mind and the analogy between Self and Earth. New perspectives on this theme put forward the contemplation of three types of sublimation – introjective, anaclitic and mixed – and the genetic predisposition to artistic expression, considered as one of the final stages of the symbolic chain.*

**Keywords:** *Creative expression, Trauma, Sublimations, Defense mechanisms.*

## Referências

- BLATT, S. J. A cognitive morphology of psychopathology. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 179(8), pp. 449-458, 1991.
- BLATT, S. J. Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In: SINGER J. L. (ed.). *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1990. pp. 299-335.
- BLATT, S. J. *Polarities of experience: Relatedness and self-definition in personality development, psychopathology and the therapeutic process*. Washington, DC: American Psychological Association Press, 2008.
- BLATT, S. J. Representational structures in psychopathology. In: CICCETTI, D. TOTH, S. L. (ed.). *Emotion, Cognition, and Representation*. Rochester Symposium on Developmental Psychopathology, 1995. pp. 1-33.
- BLATT, S. J.; SHICHMAN, S. Two primary configurations of psychopathology. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 6, pp. 187-254, 1983.
- CRAMER, P. The development of defense mechanisms. *Journal of Personality*, 55, pp. 597- 614, 1987.
- CULBERTSON, R. Embodied memory, transcendence and telling: Recounting trauma, re-establishing the self. *New Literary History*, 26, pp. 169-195, 1995.
- DOMINO, G.; SHORT, J.; EVANS, A.; ROMANO, P. Creativity and ego defense mechanisms: Some exploratory empirical evidence. *Creativity Research Journal*, 14, pp. 17-25, 2002.
- ELAL, G.; SLADE, P. Traumatic exposure severity scale (TESS): A measure of exposure to major disasters. *Journal of Traumatic Stress*, 18, pp. 213-220, 2005.
- FREUD, S. Beyond the Pleasure Principle (1920). London and Vienna: The International Psycho-Analytical Press, 1922.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-108. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. The Ego and the Id (1923). New York: Norton, 1960.
- FREUD, S. *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905). Translation: James Strachey. New York: Basic Books, 1960.
- FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: \_\_\_\_\_. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- GOERTZEL, V.; GOERTZEL, M. G. *Cradles of eminence*. San Francisco: Jossey-Bass, 1962.
- KOHUT, H. *The Restoration of the Self*. New York: International Universities Press, 1977.
- MIOTTO, G. M. Bearing witness and healing through creativity. *Family Medicine*, 37, pp. 320-321, 2005.
- OGAWA, J. R.; SROUFE, L. A.; WEINFELD, N. S.; CARLSON, E. A.; EGELAND, B. Development and the fragmented self: Longitudinal study of dissociative symptomatology in a nonclinical sample. *Development and Psychopathology*, 9, pp. 855-879, 1997.
- THOMSON, P.; KEEHN, E. B.; GUMPEL, T. P. Generators and interpreters in a performing arts population: Dissociation, trauma, fantasy proneness, and affective states. *Creativity Research Journal*, 21(1), pp. 72-91, 2009.
- VAILLANT, G. E. (ed). *Empirical studies of ego mechanisms of defense*. Washington, DC: American Psychiatric Press, 1986.
- VAILLANT, G. E. *The wisdom of the ego*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.
- VAILLANT, G. E. Theoretical hierarchy of adaptive ego mechanisms: A 30 year follow-up of men selected for psychological health. *Archives of General Psychiatry*, pp. 24, 107+-18, 1971.

WALLER, N.; PUTNAM, F. W.; CARLSON, E. B. Types of dissociation and dissociative types: A taxometric analysis of dissociative experiences. *Psychological Methods*, 1, pp. 300-321, 1996.

WEINE, S. M. The witnessing imagination: Social trauma, creative artists and witnessing professionals. *Literature and Medicine*, 15, pp. 167-182, 1996.

**Recebido em:** 10/08/2022

**Aprovado em:** 28/10/2022

### **Sobre a autora**

#### **Cristina Nunes**

Licenciatura em psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Pós-graduação em psicoterapia do casal e aconselhamento familiar.

Especialização em psicoterapia psicodinâmica pela Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica (SPPC).

Especialização em psicanálise pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP).

Psicanalista.

Membro didata, formadora e supervisora da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP), fazendo parte dos órgãos diretivos desde a sua fundação, tendo sido sua presidente.

Presidente do Comitê Organizador do XXI

International Forum of Psychoanalysis

– Psychoanalytic Encounter: Conflict and Change.

Lisboa 5 a 8 de fevereiro de 2020.

**E-mail:** cristinanunes@psicris